

**A RELAÇÃO DENOTAÇÃO–CONOTAÇÃO
UMA QUESTÃO DE PLURISSIGNIFICAÇÃO IMANENTE**

José Mario Botelho (UERJ)

No início do capítulo “Conotações”, do seu Introdução à Semântica: brincando com a gramática, Ilari declara que o seu objetivo é “mostrar que o uso de determinadas palavras e expressões, além de descrever as realidades de que se fala, cria uma representação do falante, do ouvinte e da interação verbal, que pode ser mais ou menos adequada ao momento”.

Logo, a preocupação do autor é identificar os diversos sentidos de um dado item lexical (palavra ou expressão verbal) que se instaura num determinado contexto, no qual se inserem o emissor, o receptor e a própria interação verbal.

Percebe-se, pois, que se trata do uso expressivo das formas gramaticais do léxico – estudo, que caracteriza a Estilística Morfológica ou Léxica e conseqüentemente a Estilística Semântica.

Ilari procura contrapor a conotação à denotação, que é vista por ele como “o efeito de sentido pelo qual as palavras falam ‘neutramente’ (grifo do autor) do mundo”. Na intenção de tornar mais clara a oposição conotação/denotação, o autor apresenta o seguinte diálogo, como exemplo:

A – A lanterna vai custar no mínimo R\$20.00,00.

B – É verdade, a funilaria vai sair cara!

Do diálogo, Ilari observa que se trata de um falante carioca (**A**) e outro paulista (**B**), em virtude do uso daquelas palavras. O carioca concebe a palavra “lanterna” para o referido conserto, enquanto o paulista prefere o uso de “funilaria” para a mesma concepção.

Saussure (1969) já reconhecia que a palavra apresenta um significado no qual a função representativa da linguagem humana se apóia.

Contudo, essa representação dada às palavras é sempre delimitada por palavras cujos significados não resultam de um raciocínio homogêneo do mundo, mas de uma conveniência humana. Portanto, pode ter sido mal delimitada e se mostrar carente, por não abarcar

todos os usos na prática da língua. Aliás, os seres da natureza humana não são concebidos de uma mesma forma em todas as culturas e não são, pois, representados de uma mesma forma por todas as línguas, princípio **sine qua non** da existência das línguas diversas.

Ainda há de se considerar as palavras abstratas, cujo caráter vago e obscuro de seus significados complica a compreensão e muita vez provoca ambigüidade, uma vez que a sua conceituação é abstraída de conceitos de coisas concretas.

Logo, apesar de os significados dos seres da natureza humana serem intelectivos, a eles se anexa um caráter afetivo, o qual é também coletivo, já que o apelo e a manifestação psíquica se efetivam e recebem apoio coletivo que os estimula e os orienta.

Assim, o caráter afetivo pode decorrer também do próprio conteúdo léxico. Isto é, o fenômeno desse caráter afetivo decorre muita vez da complexidade imanente dos seres, cujas sensações agradáveis e desagradáveis contagiam os significantes com que se relacionam; por isso, atribuímos a certas palavras características afetivas, como por exemplo, a melancolia de uma noite fria, com luar prateado ou a alegria e entusiasmo de uma noite quente de verão.

Entretanto, tais sensações não são sentidas da mesma forma e com a mesma intensidade por todos os indivíduos, uma vez que cada ser humano tem sua impressão das coisas do mundo. Daí, as atitudes diversas de cada indivíduo diante de um mesmo fato. E, em consequência disso, ser o mar, por exemplo, misterioso e encantador para uns, e misterioso e tenebroso para outros. Vê-se, nesse caso, que o fato de o mar ser grandioso e, por isso, misterioso, pode despertar o encantamento e o medo nos indivíduos.

Também pode ocorrer uma mesma atitude de muitos indivíduos diante de um vocábulo, como por exemplo, “sogra”, que, embora para muitos seja uma segunda mãe (principalmente para os genros), para a maioria dos indivíduos (principalmente para as noras) provoca uma repugnância. Essa sensação de repugnância é fruto de um caráter afetivo coletivo e convencional (é o que se denomina “coletivo inconsciente” ou “verdade unânime”).

Conclui-se, portanto, que a EM decorre de uma natureza mais ou menos convencional das palavras.

Porém, como observa Câmara Jr. (1978), a EM não se circunscreve a essa conclusão, pois há outras fontes de tonalidade afetiva das palavras, para cujos estudos buscamos subsídios na Sociologia Lingüística.

Assim, no inventário léxico de cada indivíduo falante há duas camadas: a dos vocábulos transmitidos, que são aqueles que cada um recebe na infância com os primeiros contatos com a língua; e a dos vocábulos adquiridos, que são aqueles que cada um aprende nos diversos níveis de estratificação social.

Sobre o conjunto de vocábulos transmitidos repousam todas as lembranças da experiência infantil, cujo conteúdo emotivo sobrepõe o conteúdo intelectual. O conjunto de vocábulos adquiridos ao longo do tempo e advindo das muitas experiências de atividades diversas, contudo, é constituído basicamente por conceitos intelectivos da vida cotidiana do indivíduo, na qual se observam termos populares e eruditos.

O próprio Ilari afirma que os dois sentidos (da conotação – emotivo – e da denotação – intelectual) participam de todos os atos de fala e nem sempre se determina com facilidade onde um termina e o outro começa.

Segundo Ilari, com as conotações relativas ao falante é possível identificar a sua faixa etária, profissão, condições sociais e procedência geográfica.

A escolha que o falante faz dos itens lexicais é sempre relacionada aos elementos contextuais. O seu interlocutor e o tema da interação discursiva sempre o levam a selecionar as palavras e expressões convenientes.

ALGUNS FENÔMENOS DA ESTILÍSTICA MORFOLÓGICA OU LEXICAL

A relação denotação–conotação

Considerando a denotação como a função representativa da linguagem mais próxima do real, isto é, a parte da significação da palavra que mais se aproxima de seu sentido próprio, e a conotação como as possibilidades da palavra de funcionar como exteriorização

psíquica, ou seja, os muitos sentidos de uma palavra, poder-se-ia dizer que a significação total de uma palavra comporta a denotação e a conotação, o que dá à palavra um caráter polissêmico.

Logo, a conotação, que se faz considerando a denotação, não é exatamente uma criação particular de um indivíduo, mas a parte plurissignificativa da palavra, cujo significado preciso se obtém num contexto.

Ex.: O meu gato matou um rato.

João é um gato.

Fiz um gato na instalação elétrica.

Reconheci o gato que me assaltou ontem.

Na observação atenta das frases acima, é possível depreender o significado preciso da palavra “gato” em cada contexto sem grandes dificuldades para um falante ativo da língua portuguesa.

É natural que isso se dê em virtude do sentido denotativo (aquele que é dicionarizado) da palavra “gato”, o qual está presente em todos os outros sentidos conotativos. Na realidade, todos os sentidos possíveis de uma palavra fazem parte de sua função representativa da linguagem, pois toda palavra é essencialmente polissêmica, isto é, todas as palavras constituem-se de um conjunto de plurissignificações, umas efetivas e outras em potencial. Assim como “gato”, cujo significado principal e, portanto, dito denotativo é “animal mamífero doméstico, da família dos felídeos”, do qual se depreendem os outros significados (por analogia ou por contigüidade ou extensão) muitas outras palavras apresentam vários usos conotativos efetivos na língua.

Ex.: João é o cabeça do grupo.

Esta vida madrasta que eu levo...

As conotações por analogia são aquelas em que há uma semelhança entre o sentido que dela se depreende e o sentido dito denotativo, como se pode verificar em: “João é o cabeça do grupo”. Em cabeça, a conotação “líder, chefe ou membro principal do grupo” é semelhante à denotação “parte superior do corpo dos animais bípedes e a anterior nos outros animais, onde se situam boca, olhos, narinas, ouvidos e importantes centros nervosos”.

As conotações por contigüidade ou extensão são aquelas em

que a semelhança é menos nítida, por haver apenas uma aproximação do seu sentido com o sentido denotativo ou por ter sido concebida a partir da extensão lógica de sentidos, como se verifica em “Reconheci o gato que me assaltou”. A conotação em “gato”, como “indivíduo ágil, esperto, veloz, traiçoeiro e assaltante” se depreende a partir da extensão do sentido de “animal felídeo”, que sugere aquela agilidade e caráter de esperteza, característicos de um assaltante. O mesmo se verifica em “Lá vem aquele mala sem alça!”, já que sempre se torna incômodo e chato carregar uma mala sem alça; e em “Esta vida madrastra que eu levo...”, “madrastra” conota “pouco carinhosa” ou “má”, pois normalmente não é querida a mulher que substitui a mãe e, por represália, se torna megera como o é a vida de certas pessoas.

No âmbito da denotação e a sinonímia

Em princípio, não há palavras sinônimas como são apresentadas em nossos compêndios gramaticais, pois cada palavra tem seu significado denotativo particular, o qual pode apresentar alguns elementos dos que compõem a significação de outras palavras. Daí, algumas palavras apresentarem significados semelhantes aos de outras e, por isso, serem usadas em um mesmo contexto, como se podem verificar nos seguintes exemplos:

Ex.: João está ficando gordo/barrigudo.

“(…), e a verdade é seu dom de iludir/enganar.”

Na verdade, o que ocorre nestas frases é uma sinonímia (situação em que há semelhança(s) semântica(s) entre vocábulos ou estruturas sintáticas), uma vez que nos referidos contextos os respectivos elementos particulares de significação foram preteridos pelos elementos comuns dos pares de palavras – significação generalizada.

Porém, em outros contextos, tal sinonímia não ocorre ou poderia ser indesejável e criar frases incoerentes.

Ex.: João não está ficando gordo; ele está ficando barrigudo.

Você me enganou o tempo todo, pois já era casado.

Nestes exemplos, percebem-se particulares elementos de significação de ordem intelectual, o que fez com que um dos vocábulos

da série sinonímica (gordo/barrigudo, enganar/iludir, respectivamente) fosse usado em detrimento do outro.

Simplemente não é possível, ou pelo menos não é conveniente, estabelecer a sinonímia de palavras isoladas, fora de um contexto. Em outros termos, a significação de uma palavra depende do contexto em que ocorre, e o conjunto de contextos lingüísticos em que ocorre constitui seu caráter polissêmico. Como diferentes palavras podem ocorrer em um mesmo contexto, apesar de o conjunto de contextos em que uma ocorre não ser exatamente o mesmo em que outras ocorrem, dá-se a sinonímia entre as palavras, mas não sinônimos perfeitos.

A sinonímia pode ser lexical ou estrutural. Na sinonímia lexical, há uma relação estabelecida entre palavras (ex.: secar/enxugar, bruxo/feiticeiro, medo/temor). Na sinonímia estrutural ou paráfrase, a relação se estabelece entre estruturas frasais (ex.: “comprei um carro novo.” / “Um carro novo foi comprado por mim.”, “O Botafogo venceu o Flamengo.” / “O Flamengo perdeu para o Botafogo.”, “Que calor, heim!” / “Por favor, ligue o ventilador!”).

Como se pode ver, a sinonímia é identidade de significação entre duas ou mais expressões que se dá num dado contexto. Logo, não basta que duas expressões lingüísticas tenham a mesma extensão para que sejam sinônimas. Senão, vejamos:

Ex.: Maria e Mariá são as alunas mais simpáticas da turma 101. / Maria e Mariá são as alunas representantes da turma 101.

João é doido por dinheiro. / João é um pão-duro.

Nesses exemplos, a referência das expressões destacadas é a mesma, denotam os mesmos objetos e têm a mesma extensão, já que “as alunas representantes da turma 101” e “as alunas mais simpáticas da turma 101”, do primeiro exemplo, são coextensivos (“serem representante” implica ou pelo menos sugere “serem as mais simpáticas”, pois a simpatia causa a escolha dos demais alunos), assim como ocorre no segundo exemplo, em que “doido por dinheiro” e “um pão-duro” têm a mesma extensão (“ser doido por dinheiro” implica ou sugere “ser pão-duro”, pois a ganância por dinheiro causa avareza e vice-versa), mas têm sentidos diferentes.

Portanto, para que duas ou mais expressões sejam sinônimas

não basta que tenham a mesma extensão; é necessário que haja identidade de sentido (significação), ou seja, que possam ocorrer num mesmo contexto sem que o sentido seja alterado ou negado. Assim, temos sinonímia em:

Ex.: Este cheiro de cigarro na sala está insuportável! / Por favor, poderia ir fumar lá fora?!

Os portugueses descobriram o Brasil. / O Brasil foi descoberto pelos portugueses.

Por favor, seque a louça! / Por favor, enxugue a louça!

O paciente do 103 está com câncer. / O paciente do 103 está com um carcinoma.

Como se pôde observar, nos exemplos acima, a relação sinonímica entre expressões se impõe no contexto, e a escolha de um termo em detrimento do outro repousa na conotação. No plano da denotação, o que distingue as relações sinonímicas é o significado intelectual mais amplo (hiperônimo) ou mais restrito (hipônimo).

O valor expressivo dos sufixos

Sendo o sufixo um elemento mórfico de significação relativo, pois depende do radical a que se junta, muitos há que extrapolam o seu significado intelectual e faz com que a forma resultante apresente uma forte expressividade. Ou seja, a tonalidade afetiva de muitos sufixos, que se destaca e os distingue melhor do que a significação intelectual que a eles se prendem, torna-os elementos de formação mais semântica do que simplesmente mórfica – valor que lhes é atribuído comumente.

Esses sufixos, em que repousa uma tonalidade afetiva acentuada e que faz com que a forma resultante apresente um valor expressivo especial, são verdadeiros elementos estilísticos.

O sufixo “-inh-”, por exemplo, que é um sufixo formador de diminutivo que se acresce a substantivos, pode apresentar outros valores. No próprio substantivo, é capaz de criar novas significações ou exprimir familiaridade, carinho ou pejoração.

Ex.: Carlinhos, não faça isso! (forma familiar)

Meu filho está um rapazinho! (forma carinhosa)

Era um homenzinho petulante. (forma pejorativa)

Não ponha os pés na mesinha, meu filho! (= mesa de centro)

Não havia mais nenhum carrinho; o mercado estava cheio. (= carro de compras)

No adjetivo, pode exprimir carinho, familiaridade e grau superlativo de superioridade.

Ex.: Não é bonitinho o meu novo penteado?! (forma carinhosa)

Não gosto de ficar sozinho por muito tempo. (forma familiar)

Comprei uma blusa moderninha. (= moderníssima, muito moderna)

No advérbio, pode exprimir grau superlativo de superioridade ou precisão da circunstância.

Ex.: Sempre acordo cedinho. (= muito cedo, cedíssimo)

Meu pai saiu agorinha. (= nesse exato momento)

Formações com o sufixo “-ice” exprimem vícios ou defeitos pessoais, criando uma atmosfera de desprezo e repugnância (ex.: parvoíce, babaquice, cretinice, gramatiquice, idiotice). Tal valor não se observa em “meninice”, que é uma forma carinhosa, referente à tenra idade; e “meiguice”.

Nas formações com o sufixo “-eir-”, referentes a profissões ou atividades humanas, em comparação com as formações com o sufixo “-ista”, além do valor semântico intelectual (agente – aquele que age), observa-se um grau de hierarquia, já que a maioria das formações com “-ista” representa agente de nível social privilegiado (ex.: dentista, analista, velocista, ciclista) e a maioria das formações com “-eir-” refere-se a agente de nível social mais baixo (ex.: barbeiro, bombeiro, motoqueiro, pistoleiro), apesar de existirem “engenheiro” e “banqueiro” (de nível elevado) e “maquinista” e “balconista” (de nível mais baixo).

O sufixo “-íssim-” e outros formadores de grau superlativo absoluto sintético de adjetivos, quando acrescidos a palavras de ou-

tras classes gramaticais, podem intensificar ou precisar a noção intelectual que porta a palavra a que se acrescentam.

Ex.: “E já na manhã madrugadíssima, era chamado ao palácio...” (precisão)

Ele não fez coisíssima nenhuma! (precisão)

Não sei nada, mas nadíssima sobre o assunto! (intensidade)

Outros sufixos, como: -al, -oide, -agem, -alha e -eco, são portadores de uma tonalidade afetiva bastante interessante. As formações com esses elementos estilísticos constituem muito mais que simples enriquecimento do vocabulário, pois valem como uma comparação ou metáfora e desempenham uma tarefa expressiva no discurso.

Ex.: Você é um molóide, um verdadeiro palerma!

No Brasil não se faz política; faz-se politicagem.

Sou da época da Tropicalha.

Formações com os sufixos flexionais (desinências verbais) também são interessantes para a EM, pois são portadoras de inegável expressividade.

Ex.: “Depois cigarrei um pouco e nos divertimos montanhando até que o dia anoitou.” (Millôr Fernandes)

Pare de coisar isto, menino!

ESTILÍSTICA SEMÂNTICA

A Estilística Semântica procura estudar a significação ocasional e expressiva das formas gramaticais do léxico, aproveitando o seu caráter polissêmico. É mais propriamente um estudo morfossemântico, já que se baseia na relação denotação–conotação, estudada como um fenômeno da Estilística Morfológica. Portanto, o único fenômeno da Estilística Semântica é a linguagem figurada.

Linguagem figurada (figuras de linguagem)

Como já foi dito, toda e qualquer palavra é polissêmica e, a-

lém de seu sentido denotativo, pode apresentar-se com um de seus sentidos conotativos, constituindo uma figura de linguagem.

A linguagem figurada dá-se a partir da metáfora ou da metonímia. A metáfora consiste na substituição de uma expressão por outra, cuja tonalidade afetiva se torna mais acentuada em virtude da sua transferência para um âmbito de significação que não lhe é particular.

Ex.: Lá vem aquele mala sem alça.

A cada dia mais um edifício brota na cidade do Rio de Janeiro.

A metonímia se fundamenta numa relação totalmente subjetiva, que se dá a partir de uma apreensão, já que consiste na ampliação do âmbito de significação de uma expressão, numa relação entre a significação denotativa e a figurada.

Ex.: Preciso de um teto pra morar.

Roberto era um piano de qualidade incontestável!

As relações objetivas no emprego da metonímia podem ser de muitos outros tipos: entre a parte e o todo (também denominada “sinédoque”); entre o produto e a matéria; entre o agente e o resultado; entre o autor e a obra; entre o conteúdo e o continente; entre o abstrato e o concreto; etc. A metonímia, apesar de ter uma função importante como recurso estilístico, “é intrinsecamente menos interessante que a metáfora, uma vez que não descobre relações novas e surge apenas entre palavras já relacionadas entre si” (ULLMANN, 1964, 453).

A metáfora é um elemento de grande qualidade estilística e tem a função expressiva por excelência de colocar em destaque certos aspectos que o termo que seria próprio não seria capaz de expressar por si mesmo. Daí, ser a metáfora utilizada na linguagem e essencial e mormente na poesia.

Essa importância da metáfora como força criadora da linguagem humana tem sido reconhecida desde Aristóteles. Encontramo-na como um artifício expressivo na poesia, como uma fonte de polissemia e sinonímia, como elemento enriquecedor de vocabulário e em tantas outras situações, na linguagem em geral.

A metáfora é princípio básico de muitas outras figuras de linguagem, isto é, ela está sempre presente em todas as figuras de linguagem.

**Alguns exemplos de metáforas especializadas
ou figuras de pensamento:**

1. *Antítese*: É a figura que estabelece a oposição entre palavras ou idéias.

Ex.: “Deixa que hoje me chamem de eternidade.”

“A vida é feita de momentos bons e ruins.”

2. *Gradação*: É a figura na qual se estabelece um aumento (Clímax) ou uma diminuição (Anticlímax) gradual.

Ex.: “Anda, corre, voa.” (clímax)

“Eu era pobre. Era subalterno. Era nada.” (anticlímax)

3. *Eufemismo*: É a figura através da qual a realidade é suavizada com o uso de uma palavra ou expressão agradável.

Ex.: Elis se foi. Era uma excelente interprete! (= morreu)

O menino faltou-me com a verdade. (= mentiu)

4. *Ironia ou Antífrase*: É a figura cujo modo de exprimir-se consiste em dizer o contrário daquilo que se pensa ou sente ou vice-versa, com intenção depreciativa e sarcástica.

Ex.: Bonita resposta, seu insolente! (= desagradável)

“A excelente dona Inácia era mestra na arte de judiar de crianças.” (= maldosa)

5. *Paradoxo*: É a figura em que se chocam idéias antagônicas.

Ex.: “É dor que desatina sem doer ...”

“Mas que seja infinito enquanto dure.”

6. *Hipérbole*: É a figura que engrandece ou diminui de maneira exagerada a verdade das coisas; exagero de linguagem.

Ex.: Chorei um rio de lágrimas.”

“Eu te darei o céu, meu bem, e o meu...”

7. *Hipálage*: É a figura pela qual se atribuem a uma palavra o que é pertinente a uma outra palavra da mesma frase, que pode estar subentendida.

Ex.: “... as lojas loquazes dos barbeiros.” (os barbeiros e seus clientes são loquazes)

Não passe por aquelas ruas prostitutas do Centro! (as mulheres são prostitutas)

8. *Prosopopéia ou Personificação ou Animismo*: É a figura pela qual se dá vida ou características humanas a coisas e animais.

Ex.: “... os rios vão carregando as queixas do caminho.”

“... e o meu cavalo só falava inglês.”

Alguns exemplos de metáforas especializadas ou figuras de palavras (tropos):

1. *Metáfora*: Quando a significação natural de uma palavra é substituída por outra, com que tem relação de semelhança subentendida.

Ex.: “Você partiu meu coração, frágil cristal.”

Hoje em dia os edifícios brotam do chão.

2. *Símile ou Comparação*: Quando há comparação de coisas semelhantes. Há sempre o conectivo do tipo “como”.

Ex.: “O amor é como nuvens carregadas sobre terras do sertão.”

Juliana tem os cabelos mais negros que as asas da graúna.

3. *Símbolo*: Quando um ser concreto assume, por convenção, o valor de um ser abstrato.

Ex.: "... vejo você, vestida de branco, dizendo: - Sim!"
(= virgindade)

"Senhores! Não lhes peço nada além de sangue, suor e lágrimas." (= empenho total)

4. *Sinestesia*: É a relação subjetiva entre percepções de sentidos diferentes.

Ex.: É bom sentir o verde frescor e aroma da manhã de primavera.

"Avista-se o grito das araras."

5. *Metonímia*: É a figura que consiste em designar um ser por outro com o qual tem a relação de: causa/efeito, continente/conteúdo, lugar/produto, matéria/objeto, abstrato/concreto, autor/obra, etc.

Ex.: Ele ganha a vida, vendendo livros.

João bebeu apenas um copo de cerveja.

A virtude vence o crime.

Gosto de ler Camões.

6. *Perífrase*: Quando é utilizado um grupo de palavras em substituição a uma única palavra.

Ex.: "Se lá no assento etéreo onde subiste ..." (= céu)

Procure ter amor por quem o mantém vivo. (= pai)

5. *Catacrese*: É a figura na qual se verifica o uso de um determinado termo por falta de termo próprio; é uma metáfora desgastada que, por ser trivial, deixa de ser metáfora.

Ex.: A pé da mesa está quebrado.

Todos devem embarcar no trem agora!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, pode-se dizer que a EM além de decorrer de uma natureza mais ou menos convencional das palavras, aproveita-se do caráter afetivo das palavras, o qual caracteriza a conotação, e que a relação denotação–conotação constitui o caráter polissêmico natural de cada item lexical.

Como o inventário léxico de cada indivíduo falante é composto de vocábulos transmitidos na infância com os primeiros contatos com a língua e de vocábulos adquiridos ao longo das atividades linguísticas no seio da sociedade, a linguagem (como instrumento de efetivação do sistema de possibilidades de uso, que é a própria língua) de cada usuário é sempre incompleta e de uma previsibilidade imprevisível.

O aparente paradoxo tem seu respaldo na própria relação denotação–conotação, já que a conotação se apóia na denotação e depende essencialmente da natureza da coerção social.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37ª.ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.

BOTELHO, José Mario. *Estudos de Estilística*. [Inédito].

CÂMARA Jr., Joaquim Matoso. *Contribuição à estilística portuguesa*. 3ª.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

ILARI, Rodolfo. *Introdução à Semântica*: brincando com a gramática. São Paulo, 2001.

——— & GERALDI, João Wanderley. *Semântica*. 4ª.ed. São Paulo: Ática, 1990.

LAPA, Rodrigues. *Estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1984.

MELO, Gladstone Chaves de. *Ensaio de estilística da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

MONTEIRO, José Lemos. *Fundamento da estilística*. Fortaleza: Secretaria de Cultura e Desporto, 1987.

ULLMANN, Stephen. *Semântica*; uma introdução à ciência do significado. Tradução de J. A. Osório Mateus. 5ª.ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1964.